

## **NARRATIVAS, IMAGENS E SONS DA CIDADANIA: O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PARA REGISTRO PARTICIPATIVO DA MEMÓRIA SOCIAL DA COMUNIDADE DE LAURO DE FREITAS**

*Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga<sup>1</sup>*  
*clarissabbraga@gmail.com*  
*Marise Berta de Souza<sup>2</sup>*  
*mariseberta@uol.com.br*

### **RESUMO:**

Município situado no território de identidade da Região Metropolitana de Salvador, Lauro de Freitas foi a designação que recebeu em 1962 a antiga Santo Amaro de Ipitanga, em um processo de deslocamento de referencial e de distanciamento de suas raízes. Nela se situa a praia de Buraquinho, que serviu de laboratório experimental para a produção do primeiro longa-metragem de Glauber Rocha: Barravento, raiz baiana do Cinema Novo. Passadas seis décadas da produção do emblemático filme, o desenvolvimento econômico alterou o cenário e trouxe uma nova população. O município passa a funcionar como uma extensão de Salvador, faltando aos seus novos habitantes uma identidade afetiva e efetiva que recupere a memória do local. É nesse campo de atuação que encontramos as parcerias para o desenvolvimento do projeto Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania: a Associação São Jorge Filho da Goméia, (entidade que abriga o Ponto de Cultura Bankoma, que vem ao longo dos últimos anos criando mecanismos de mobilização e empoderamento na comunidade); a Secretaria de Cultura do município e a Escola Estadual Kleber Pacheco. O projeto se desenvolve na perspectiva freireana. Para Paulo Freire, “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra mundo”. É a partir dessa perspectiva que Freire nos mostra a importância do aprendizado significativo, que deve considerar o território e a cultura desse sujeito que, a partir das suas memórias, realizou a sua própria leitura do mundo e possui suas próprias reflexões. Portanto, está em consonância com a Convenção pela Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Em um processo de socialização, essas leituras do mundo são compartilhadas, negociadas e refletidas já na perspectiva do grupo. E, nesse contexto, são desenvolvidos audiovisuais através de oficinas, considerando não somente a educação escolar, como também a diversidade dos saberes apreendidos nos diferentes espaços de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Território de identidade, Região Metropolitana de Salvador, audiovisual, diversidade cultural

---

<sup>1</sup> Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga é professora Adjunta II do IHAC-UFBA, doutora em Educação pela FACED-UFBA. Coordena o grupo CULT (IHAC/FACOM-UFBA), o projeto de extensão Canto do Conto e a pesquisa: “Narrativas da Chapada Diamantina”. E-mail: [clarissabbraga@gmail.com](mailto:clarissabbraga@gmail.com)

<sup>2</sup> Marise Berta de Souza é professora Adjunta II do IHAC-UFBA, doutora em Artes Cênicas pelo PPGAC-UFBA. É coordenadora de TV e mídias digitais da PROEXT UFBA, E coordenadora do projeto de extensão “Narrativas Imagens e Sons da cidadania” E-mail: [clarissabbraga@gmail.com](mailto:clarissabbraga@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta uma proposta em execução que visa integrar discentes do IHAC com estudantes do Ensino Médio de Lauro de Freitas, para a realização de uma série de vídeos e vinhetas sonoras, que comporão um programa educativo produzido por uma equipe multidisciplinar, formada por professores da UFBA, cujos conteúdos digam respeito à juventude e a cultura local.

A atividade relaciona-se com as pesquisas dos professores envolvidos (que têm como temas: narrativas, comunidades quilombolas, oralidade, audiovisuais, empreendedorismo e cultura popular) o que permite a reflexão da experiência com os estudantes, a partir de uma agenda de encontros temáticos, com o propósito de discutir a teoria na prática.

O processo permite também a articulação entre ensino formal e não-formal, uma vez que possibilita o trânsito entre o conhecimento escolar e universitário, os saberes populares e o conhecimento não-formal, produzidos nas outras organizações da sociedade, além da escola. Nesta perspectiva, visa a formação integral do sujeito e do cidadão.

Para isso, tudo começa com o levantamento da história de vida dos sujeitos e de que forma ela poderá contribuir para o projeto do grupo. A partir de então, propõe o registro da memória social da comunidade de Lauro de Freitas através da constituição de um acervo audiovisual. Por fim, as vinhetas e audiovisuais produzidos serão veiculados na TV UFBA, Radio FACOM, Radio Educadora, TV Educativa. Dessa forma, o projeto conjuga ações de pesquisa e de extensão, promove a articulação entre a universidade e a sociedade, estabelecendo um processo que pretende contemplar a diversidade dos campos de conhecimento.

Dividimos o artigo em quatro partes para explicar melhor a sistemática de implementação e avaliação da experiência, assim dividido: no tópico a seguir, traçamos um perfil da comunidade de Lauro de Freitas, onde o projeto está inserido; em seguida, indicamos o referencial teórico utilizado e as reflexões desenvolvidas a partir dos autores escolhidos; explicamos, também, a metodologia e o processo avaliativo empregados e, por fim, traçamos breves considerações finais a respeito das expectativas acerca do desenvolvimento do projeto.

## **2. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DO PROJETO:**

Cidade que compõe a Região Metropolitana de Salvador, Lauro de Freitas, foi a designação que recebeu em 1962 a antiga Santo Amaro de Ipitanga, em um processo de deslocamento de referencial e de distanciamento de suas raízes. Ainda identificada como Santo Amaro de Ipitanga, mais precisamente o seu litoral, a praia de Buraquinho, serviu de cenário e de laboratório experimental para a produção do primeiro filme realizado em longa-metragem por Glauber Rocha: Barravento, raiz baiana do Cinema Novo.

Em diversas oportunidades o cineasta declarou que o contato que manteve com a população de Buraquinho foi fundamental para a sua formação humanística e política. O convívio com a colônia de pescadores, o relacionamento com a cultura e religião afro-brasileiras através dos capoeiristas e do povo de santo, atores naturais do drama humano apresentado no filme, foi decisivo para a construção do seu método original, que deu vida aos personagens da história contada em Barravento.

Passadas seis décadas em que a praia de Buraquinho foi locação do emblemático filme da história do cinema brasileiro, o desenvolvimento econômico alterou o cenário e trouxe para a cidade uma nova e crescente população. A cidade passa a funcionar como uma extensão de Salvador, faltando aos seus novos habitantes uma identidade afetiva e efetiva que recupere a memória de Santo Amaro de Ipitanga, incorpore e motive a defesa da nova comunidade que passa a integrá-la.

Os alunos do ensino médio das escolas públicas de Lauro de Freitas são oriundos de comunidades afro-descendentes (88% da população) e vivem em situação de vulnerabilidade social. O perfil econômico do município acusa, nessa localidade, uma concentração de famílias de baixa renda, habitantes de áreas com precária oferta de serviços públicos e culturais. Lauro de Freitas alcançou o segundo pior índice de mortalidade por homicídios entre jovens de 12 a 29 anos, entre todos os municípios do país com mais de 100 mil habitantes.

O índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (VJV) é apurado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) a pedido da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) do Ministério da Justiça (MJ). O indicador baseia-se nos

dados consolidados pelo último Censo Demográfico, realizado em 2010, e retrata questões que influenciam a vida de jovens de 12 a 29 anos de idade.

É nesse campo de atuação que encontramos as parcerias para o desenvolvimento desse projeto: A Associação São Jorge Filho da Goméia, entidade que abriga o Ponto de Cultura Bankoma, localizada em Portão, no município de Lauro de Freitas, que vem ao longo dos últimos anos criando mecanismos de mobilização e empoderamento na comunidade; a Secretaria de Cultura do município e a Escola Estadual Kleber Pacheco.

Nesse escopo, julgamos importante a formação desses estudantes que, ao concluir o ensino médio, ampliarão as suas perspectivas de trabalho a partir da experiência com a produção de vinhetas e audiovisuais e amparados pela formação específica em empreendedorismo, que ajuda a organizar as idéias em objetivos exeqüíveis. A vivência poderá impulsionar os jovens, também, a buscar formação universitária em áreas relacionadas à Comunicação, Cultura, Administração, Radio e Televisão, entre outras.

## **2. TERRITÓRIOS E IDENTIDADES**

O primeiro passo para a realização do projeto é fazer os alunos refletirem sobre o seu próprio território de identidade, a fim de despertar no grupo o sentimento de pertencimento o qual buscamos para a elaboração de produtos audiovisuais baseados na história da sua comunidade. Territórios de Identidade é um conceito já desenvolvido através de Milton Santos (2000), que ao abordar a geografia cultural, o descreve como um espaço recheado de representações simbólicas, sobre as quais se constroem as identidades. Assim, destaca a importância do estabelecimento de laços, que ocasionam um sentimento de pertencimento, fortalecendo os membros de uma comunidade ou local.

Isso significa que não só a geografia delimita a comunidade, mas o conjunto do compartilhamento das crenças, manifestações culturais, etnias, vivências, histórias e um passado compartilhado que fazem com que aquelas pessoas residentes em um determinado território se sintam parte de um grupo. Para o autor, nesta concepção, o território supera a definição de apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. Ao considerar a dimensão humana e as relações estabelecidas nas localidades, o território tem que ser entendido como o território usado, não o

território em si. O território usado é, portanto, o chão mais a identidade, o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (idem; pg. 83).

Mas as comunidades não vivem isoladas entre si. As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila ou a cidade, formando redes sociais entre seus vizinhos. Com a facilidade dos meios de transporte e meios de comunicação contemporâneos, essas interações ganham contorno mundial. Assim, as identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. (CASTELLS, 1999. p. 79). Ou seja, há um reagrupamento e reposicionamento dos grupos e das suas identidades culturais.

Dessa forma, de acordo com Hall (1997,41), a identidade surge, não tanto da plenitude da identidade, já presente dentro de nós enquanto indivíduos, mas da insuficiência da totalidade, que é preenchida a partir do que nos é exterior, pela forma como imaginamos sermos vistos pelos outros. Não se trata de uma crítica à incorporação das informações e conhecimentos de um mundo globalizado às comunidades. Trata-se, no entanto, de um alerta ao fato desse mundo globalizado poder transformar ações locais diferentes em práticas idênticas.

Hall (2000) reforça esse alerta sobre a cultura global e sua tendência à homogeneização, mas nos fornece pistas de que ao lado dessa tendência à homogeneização, porém, a globalização faz aflorar um fascínio pela diferença, pela alteridade, reposicionando a relação entre o global e o local. É na fricção dessa nova articulação entre o global e o local, no fluxo ou na troca, que as novas possibilidades identitárias tomam corpo. (SAID, 1995).

No entanto, é preciso ficar atento à como essas articulações são estabelecidas. Milton Santos (2000) estabelece a relação entre horizontalidade e verticalidade, para definir a forma como se opera as interseções produtivas na sociedade global. Assim, uma interseção vertical se refere a uma dinâmica portadora de uma racionalidade hegemônica, que atua na perspectiva da unificação e homogeneização onde as decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes (SANTOS, 2000, pg106-107).

Por outro lado, as horizontalidades descrevem situações relacionadas a processos locais, construídos sobre as motivações peculiares de cada lugar. Constituem-se em espaços de produção orgânica integrada ao território. Os espaços de horizontalidade se integram a outros espaços na perspectiva solidária e aglutinadora, enquanto que na perspectiva da verticalidade observa-se a sobreposição e a tentativa de homogeneização.

Práticas e culturas locais são muito importantes para as comunidades que representam. Gohn (2001 pg. 35) afirma que a cultura é também uma força política, enquanto uma prática plena de significados e demarca diferenças porque estas são produzidas no interior destas práticas de significações. Neste contexto, a autoria como proposta educativa contribui para a manifestação de cada sujeito que tem a possibilidade de traçar caminhos individuais e coletivos de aprendizagem a depender de seus interesses e suas referências culturais e sociais.

### **3. NARRATIVAS ENVIEZADAS E AUTONOMIAS AUDIOVISUAIS**

Eric Hobsbawm, (1995) afirma a posição de centralidade ocupada pelo cinema e audiovisual nesse século e assinala que a era da reprodutibilidade técnica, caracterizada pela reprodução e acesso massivo das obras de artes, não só incide na transformação que ocorre na forma como se dá a criação, mas, também, na maneira como o homem passa a perceber a realidade.

Nesse contexto, o sociólogo francês Pierre Bordieu (1979) entende como necessário que a experiência das pessoas com o cinema contribua para desenvolver uma competência para ver, isto é, uma determinada disposição, legitimada socialmente, para compreender e analisar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. O autor, ao tratar dessa competência para ver, assevera que ela não se adquire apenas no ato de se ver o filme: ela é oriunda da imersão das pessoas na atmosfera cultural de suas vivências, das suas referências culturais e sociais. Isso leva ao entendimento de que, as experiências culturais e o modo de ver do grupo social de pertencimento permitem que sejam desenvolvidas determinadas maneiras de leitura e de manejo com os produtos culturais, especialmente o cinema e o audiovisual.

Dessa forma, desenvolver a competência para ver produzir e acionar os recursos necessários para apreciar os mais diferentes produtos audiovisuais, afasta-se da perspectiva de escolha pessoal e constitui-se em uma prática social importante que

atua na formação das pessoas contribuindo para distingui-las socialmente. Em sociedades impregnadas pelo audiovisual como a nossa, a assimilação e o domínio dessa linguagem é condição para o trânsito nos vários campos sociais e garantia para a construção da cidadania cultural.

Por isso, o projeto Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania se desenvolve na perspectiva freireana. Para Paulo Freire (1999), “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra mundo”. O autor nos mostra a importância da experiência e da vivência na formação do sujeito e do cidadão no processo educativo. O aprendizado significativo, portanto, deve considerar o território e a cultura desse sujeito, que realizou a sua própria leitura do mundo e possui suas próprias reflexões acerca das suas leituras cotidianas. Em um processo de socialização, essas leituras do mundo são compartilhadas, negociadas e refletidas pelo grupo. E, nesse contexto, deve-se levar em consideração não somente a educação escolar, como também a diversidade dos saberes apreendidos nos diferentes espaços de sociabilidade, portanto, isso implica na valorização da educação não-formal também.

Gohn (2001, pg. 98) afirma que a educação não-formal designa um processo com cinco campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangência: a aprendizagem política dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas cotidianos; a aprendizagem de conteúdos da educação escolar formal em outros espaços de aprendizagem; e, por último, a educação desenvolvida na, e pela mídia.

É a partir dos cinco campos definidos por Gohn (2001), que o programa “Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania” insere sua proposta, ao privilegiar a linguagem e as técnicas da comunicação audiovisual e integrar a comunidade universitária à sociedade, em uma experiência que privilegia o território na qual a comunidade participante está inserida; propõe o aprendizado com foco na capacitação técnica e na formação cidadã; reflete sobre a educação desenvolvida e mediada pela mídia e articula com os conteúdos desenvolvidos no âmbito da escola. Nesta perspectiva, o projeto pretende construir programas sobre a cultura e a formação da identidade negra. A UFBA já tem experiências positivas neste sentido, através da TV UFBA, uma vez que já produziu e exibiu durante a programação do Novembro Negro



da TVE, no ano de 2010, uma série de reportagens especiais com os temas, Memória, Cultura, Estética e Identidade e Infância.

## **METODOLOGIA E AVALIAÇÃO**

O programa Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania possui uma abordagem Freiriana, onde a história assume lugar de destaque na construção pedagógica do sujeito.

“A visão mecanicista da História que guarda em si a certeza de que o futuro é inexorável, de que o futuro bem como está dito que ele virá, nega qualquer poder à educação antes da transformação das condições materiais da sociedade. Da mesma forma, como nega qualquer importância maior a subjetividade da História” (FREIRE, 1997. p.97).

A perspectiva interdisciplinar reúne professores de unidades diversas como a Faculdade de Comunicação (FACOM), os Bacharelados Interdisciplinares locados no IHAC – Instituto de Humanidades, Artes e Ciência Milton Santos e o Instituto de Matemática da UFBA. Em uma proposta integralizadora, o programa permite a articulação dos conteúdos das pesquisas dos docentes tais como: narrativas, oralidade, empreendedorismo e audiovisual.

A metodologia do projeto, visando articular pesquisa e extensão, segue as seguintes etapas:

1 – Seleção dos alunos do IHAC – os alunos do IHAC passaram por um processo seletivo, que teve como requisito a vivência e experiência dos candidatos. A avaliação foi desenvolvida sob a forma de narrativa do sujeito aprendiz, contemplando as possibilidades de contribuição para o programa e perspectivas de aprendizagem. A partir do levantamento do perfil dos inscritos, foram formados grupos de trabalho para as diferentes fases do programa, totalizando 12 alunos da UFBA participantes.

2 – Seleção dos alunos do Colégio Estadual Kleber Pacheco – a mesma metodologia está sendo aplicada aos alunos do Kleber Pacheco.

3 – Oficina de Reconhecimento das Realidades e Empreendedorismo: nesta oficina os alunos da UFBA, do Colégio Kleber Pacheco e professores, trocarão experiências em que a polisssemia dos diferentes locais de fala será enfocada. A oficina tem como objetivo fazer com que os sujeitos participantes conheçam a si mesmos, interajam com a comunidade de Lauro de Freitas e discutam seus sonhos e perspectivas, transformando-os em metas e em motes para o desenvolvimento dos produtos audiovisuais. No final da oficina será promovida uma avaliação onde os



alunos da UFBA e do Colégio, através de um debate, refletirão sobre o aprendizado, sugerindo melhoramentos, e prospectarão suas expectativas para a etapa seguinte (essa avaliação processual irá percorrer todas as etapas do programa).

4 – Oficina de Narrativas Oraís – Essa oficina terá como proposição a sistematização das histórias orais para que posteriormente sirvam como inspiração para os roteiros. Seguirá o mesmo modelo de avaliação descrito anteriormente.

5-Oficina de Linguagens e Narrativas Audiovisuais – A oficina capacitará os estudantes para a construção da leitura crítica sobre as imagens. Constará de exibição de filmes, escolhidos a partir dos interesses e demandas dos participantes, seguidos de discussão mediada pelos professores. Ao final, os alunos produzirão um texto crítico, em equipes mistas, compostas por estudantes da Universidade e do Colégio, sobre as imagens vistas.

6- Oficinas de produção: Elaboração de roteiros, imagens e sons. Nessa etapa ocorrerá a realização dos produtos audiovisuais, a partir dos dados levantados nas etapas anteriores. Será nessa fase em que se dará o aprendizado das técnicas audiovisuais concomitante à realização dos produtos. A avaliação ocorrerá através de audiências compostas por docentes, alunos e membros da comunidade, seguidas de debate.

7 – Oficina de Empreendedorismo: Nesta etapa de fechamento do programa retornamos os sonhos e expectativas da primeira etapa, verificaremos se foram contemplados, e incentivaremos o debate sobre novas prospecções dos alunos sobre os produtos audiovisuais realizados.

A avaliação pelo público será feita a partir da exibição dos produtos audiovisuais, seguida de debates onde questões como cultura local, identidade, juventude, memória e cidadania serão estimuladas. A avaliação pela equipe de execução será processual, sendo realizada no final de cada etapa, considerando as avaliações dos alunos envolvidos como material para reorganização do percurso. No final, além do conteúdo dos audiovisuais produzidos, a equipe irá avaliar a qualidade técnica. Essa avaliação será repassada aos alunos envolvidos, a partir de audiências, onde o produto final será debatido.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

O programa Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania pretende possibilitar um instrumental diferenciado no uso dos suportes de comunicação, através de uma formação empreendedora, resultando numa intervenção na própria realidade dos

participantes envolvidos na implementação do projeto, levando-os, assim, a reconhecerem-se como agentes transformadores e promotores de atitudes e consciência cidadã, pois não se pode desconhecer que a produção audiovisual é um processo especializado e a produção de imagens é tributária, em grande medida, do modelo econômico e social estabelecido.

Dessa forma, refletir sobre a produção de imagens e o acesso às técnicas de produção e comunicação audiovisual constitui-se em um instrumento diferenciado de conhecimento e construção de cidadania.

Em seu escopo, o projeto busca, ainda, promover discussões sobre produções audiovisuais cujos conteúdos relacionem-se com a cultura popular local e com a diversidade cultural brasileira, além de investir em uma linguagem inovadora e qualificar os participantes para uma maior compreensão do discurso audiovisual e manuseio dos meios e técnicas.

Neste contexto, este projeto descortinará para o seu público o interior e a fisiologia das imagens em movimento, dos meios e técnicas o que é fundamental em uma sociedade cujo repertório literário não pára de ceder espaço às programações mediadas pelo mundo da imagem. Uma nova leitura, mais crítica, dos discursos audiovisuais em vigência, terá sua eficácia alargada se o processo de conscientização acompanhar-se de um mergulho na etapa prática da produção desses discursos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORDIEU, Pierre. *La Distinction : critique sociale du jugement*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1979.

CASTELLS, M. *O poder da identidade. A era da Informação: economia sociedade e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação* In: BRANDÃO, C.R. (org.) *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política Impactos sobre o Associativismo do Terceiro Setor*. 2a Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HALL, Stuart. *Identidade cultural e diáspora*. In: *Cidadania. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 24. Brasília: Iphan/MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.



HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.